

RANULPHO PAES DE BARROS

Benedito Pedro Dorileo

Ainda jovem, ouvia no meio político que futuramente viria para Mato Grosso uma ‘tropa de ocupação’, fazendo sucumbir a nossa memória cultural e política.

Vive hoje um diferenciado povo mato-grossense. Decisivamente, a Universidade Federal, criada em 1970, acelerou uma mescla adventícia de pessoas em movimento saudável de oxigenação dos costumes e dos pensamentos.

Dividido territorialmente em boa hora é a unidade da Federação que acentua o desenvolvimento brasileiro, com ressalva para distorcidas investidas econômicas em nossos biomas, degradando a floresta amazônica.

Que existe uma amnésia cultural, existe. Temos, por exemplo, instituições de história e letras, fundadas na Província pelo presidente Dom Aquino Corrêa (IHGMT e AML), pouco lembradas e desprovidas de política pública de apoio. Governo e empresas são de escassa sensibilidade a projetos culturais da Casa de Barão de Melgaço.

É preciso ter memória fiel – *‘vigere memoria’*. Da veneração ao passado emana a tradição, que compõe a nobre força que levanta o espírito coletivo.

Nessa linha de pensamento, não se pode por no limbo o legado de Ranulpho Paes de Barros: em 17 de março do vindouro 2013 ocorrerá o centenário do seu nascimento. Veio à luz no sul do Estado indiviso da época, em Campo Grande, trazido pelos pais ainda jovem para Cuiabá.

Trago no espírito uma memória indelével deste cidadão, desde que o conheci, no sentimento da sua morte em 2 de fevereiro de 1975 e para sempre.

Nasceu numa 2ª feira e partiu num domingo, bem a caráter da sua conduta de tempo integral no magistério da Língua Portuguesa, no jornalismo, na gestão pública e no esporte.

Dentre os maiores, foi esteio do futebol mato-grossense, gestado no simpático amadorismo. Foi o primeiro presidente da Federação

Mato-Grossense de Desportos. Na década de 70 houve a mais comovedora consagração popular no estádio Presidente Dutra, quando torcedores de todas as camisas aplaudiramem pé o retorno do velho cacique do desporto bororo.

O mestre ligava-se ao Mixto Esporte Clube com afinidade quase orgânica, capaz de despende recursos próprios a favor do clube.

– Ah Ranulpho, onde está o estádio ou ginásio com o seu nome? Sabe-se que você pediu ao seu filho Antero, depois senador, que fosse à Câmara Municipal sustar a proposta em torno do seu nome para o Verdão. Que você publicou longa carta ao professor Lídio Modesto da Silva, em 1975, que, como acessor do meu gabinete na vice-reitoria da UFMT, saiu com a incumbência de estimular tal iniciativa. Mas você apoiou o nome do companheiro de juventude, José Fragelli. Você declinou, era a humildade – condição do sábio.

Folha Mato-Grossense era o seu jornal, que assumia as aspirações da sociedade, oferecendo largo espaço para a cultura e o esporte. Escrevia muito, deixou incompleta a História do Futebol em Mato-Grosso. Colaborava com o Social Democrata, do qual foi diretor. Certa feita por pouco não perdeu a vida em tentativa de homicídio, mas sofreu lesão corporal. Não foi o autor de um artigo que criticara um homem de Estado. Imolou-se no silêncio, não revelou o nome do articulista. Lembra William Mason: ‘a lealdade é uma virtude que embeleza até a própria escravidão’.

Há meio século, em 1962, elegemo-nos vereadores e por unanimidade escolhido Ranulpho para presidente da Câmara Municipal de Cuiabá. Não existia salário, cada edil exercia a própria profissão. As sessões eram noturnas com percepção de jetom de presença.

Logro a felicidade de, como presidente da Câmara de Vereadores, ter-lhe concedido o diploma de Cidadão Cuiabano, em 15 de dezembro de 1965.

A inteligência dos conterrâneos por certo celebrará o seu centenário. Jornalistas, gestores educacionais, esportistas, instituições culturais poderão colocar o seu nome onde melhor mereça a sua memória.

BENEDITO PEDRO DORILEO
É Advogado e foi Reitor da UFMT